



DIÁLOGOS A PARTIR DAS INFÂNCIAS E DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS: UMA ANÁLISE DE PESQUISAS PUBLICADAS NOS GT07 E GT021 DA ANPED

Jackeline Nogueira dos Santos¹
E-mail: jackelinenogueira73@gmail.com
Jamille Pereira Pimentel dos Santos²
Jayne dos Santos de Almeida³

RESUMO

Este relato apresenta fragmentos de uma pesquisa desenvolvida como requisito para conclusão do curso de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia – Campus XII. A pesquisa tinha como objetivo geral investigar o que se tem discutido sobre a infância das crianças quilombolas na literatura científica brasileira dos últimos 11 anos. Para tanto, foram utilizados três bancos de dados. No presente recorte, serão apresentados apenas os resultados obtidos no banco de dados de dois GTs (Grupos de Trabalho) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). O intuito era investigar as pesquisas produzidas entre os anos de 2012 a 2023 que dialogam sobre a infância das crianças quilombolas no Brasil. Portanto, se configura como uma investigação qualitativa de tipo Estado do Conhecimento. A pesquisa revelou que o arcabouço teórico da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança tem sido privilegiado nas reflexões desenvolvidas. À luz das discussões e das pesquisas apresentadas pode-se inferir que a infância das crianças quilombolas ainda é marcada por ausências, seja no âmbito científico, social ou escolar brasileiro.

Palavras-chave: Estado do Conhecimento. Infâncias. Crianças Quilombolas. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo geral investigar o que se tem discutido sobre a infância das crianças quilombolas na literatura científica brasileira dos últimos 11 anos (2012- 2023). Para tanto, utilizamos o banco de dados de dois GTs (Grupos de Trabalho) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)⁴ a fim de investigar

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do estado da Bahia - UNEB/ Campus XII. E-mail: jackelinenogueira73@gmail.com.

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do estado da Bahia - UNEB/ Campus XII. E-mail: Jayneysa@gmail.com.

³ Mestre em Relações Étnico e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente substituta do DEDC Campus XII/UNEB. E-mail: jppsantos@uneb.br

⁴ GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos e GT 21 – Educação e Relações Étnico-Raciais.



as pesquisas produzidas entre os anos de 2012 a 2023 que dialogam sobre a infância das crianças quilombolas no Brasil.

Estudiosos da infância de diferentes áreas (pedagogias da infância, antropologia da criança, psicologia da criança e sociologia da infância) têm apresentado valiosas contribuições para compreendermos as especificidades que permeiam o mundo das crianças e suas infâncias. Todavia, vale ressaltar que no texto que se segue estabelecemos diálogos teóricos com autores/as da Sociologia da Infância e autores/as que investigam as relações étnico-raciais, pois entendemos que o debate teórico aqui produzido se aproximam das discussões fomentadas no âmbito dessas ciências. Neste sentido, (SARMENTO, 2007, p. 36) define a infância como:

[...] uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto da diferenciação da infância.

Segundo Jens Qvortrup (2014) há diferenças conceituais importantes entre os termos criança, infância e crianças, uma vez que o termo “criança” é compreendido no sentido psicológico e biológico da criança individual, cujos valores se modificam na sua infância individual. O termo “crianças” refere-se a uma pluralidade de crianças, como um grupo ou uma coletividade, que pode ser mais ou menos coesa. Já a “infância” é caracterizada em termos sociológicos como uma categoria permanente, sujeita às condições históricas produzidas por fatores sociais, culturais, econômicos, políticos, dentre outros. Desse modo, compreende-se que existem crianças vivendo múltiplas infâncias, uma vez que a infância é atravessada pela realidade sócio-histórica individual. Assim, a infância vivida pelas crianças quilombolas é distinta de outras infâncias, pois ela é única, e traz as marcas das suas comunidades, dos seus pertencimentos étnicos e raciais.

Em vista desse entendimento, decidimos nos lançar no desafio de compreender um pouco mais sobre o que se tem discutido e produzido acerca da infância e das crianças quilombolas do Brasil, uma vez que esses sujeitos sociais tem sido sistematicamente invisibilizados no âmbito social e científico brasileiro.

REFERENCIAL TEÓRICO



Entre a passagem dos séculos XIX e XX houve um aumento significativo dos estudos sobre a infância e as crianças, muito em razão das discussões teóricas resultantes das contribuições da Sociologia da Infância, bem como dos/das autores/as que discutem as Pedagogias da Infância em suas diversas vertentes.

No entanto, no período anterior ao século XX, as concepções sobre a infância não correspondiam às mesmas concepções de hoje, pois havia a inexistência do sentimento da infância, somados à existência de crimes como o infanticídio, a redução de seu estatuto a uma condição meramente biológica e o entendimento da criança como um brinquedo (SILVA, B. 2011). Nesse viés, o historiador francês Philippe Ariès (1986) trouxe em sua obra elementos importantes para entendermos como a evolução do conceito de infância foi sendo construído ao longo da história. Segundo ele, por volta do século XII a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. A criança só passou a ser representada a partir do século XIII, mas ainda invisibilizada enquanto categoria social, pois eram retratadas como um adulto em miniatura, apresentando tamanho de criança, mas com corpo, porte, comportamento e vestimenta de adulto.

Já no nosso país, o sentimento de infância começa a brotar a partir da transformação nas relações entre as pessoas que compunham a elite dirigente e isso contribuiu para determinar o surgimento do sentimento de infância durante o período de colonização nas Américas. No entanto, com relação às crianças negras, mestiças e indígenas, o sentimento era bem diferente, tendo em vista que a sociedade escravista brasileira desconsiderava a humanidade dos que estavam sob o julgo do cativo, o que implicava na exclusão social dessas populações, vitimando-as com abusos e violências constantes (PETEK, 2020).

Desse modo, a história nos evidencia que as crianças negras foram relegadas ao silêncio, marginalizadas pela sociedade escravista brasileira, tratadas sem amor e expostas a um extremo controle social, imposta pelo sistema escravocrata colonial.

Voltando aos dias atuais, a criança negra ainda enfrenta muitos preconceitos e estigmas herdados desse período, tendo em vista que a infância dessas crianças ainda traz marcas da discriminação racial e social, e de muitas desigualdades resultantes de um longo período escravocrata e de dominação dos povos africanos e afro-brasileiros.



Dessa forma, percebemos que a concepção de criança e infância são construções sociais históricas. Não há um conceito definido, pois ele está em constante transformação. A criança de hoje não é a mesma de ontem nem será a mesma de amanhã, a criança branca e urbana é diferente da criança negra e urbana, a criança do campo e a criança quilombola também são distintas, isto porque suas trajetórias estão conectadas aos modos de vida e às condições culturais, materiais e imateriais que condicionam os diversos modos de viver. Desse modo, no Brasil temos múltiplas crianças e múltiplas infâncias espalhadas por múltiplas realidades sócio culturais.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa bibliográfica em educação do tipo estado do conhecimento. Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado e publicado que se constitui principalmente de livros e artigos científicos. Assim sendo, realizamos um levantamento bibliográfico por meio de uma revisão de literatura em dois GT's da ANPED, o GT07 e o GT021, com um recorte temporal de 11 anos (2012 a 2023). Tal recorte se justifica pelo fato desse período ser marcado pela publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, no ano de 2012 (BRASIL, 2012).

Para a pesquisa que ora empreendemos utilizamos apenas os seguintes descritores: *infâncias quilombolas e crianças quilombolas*. De início, pesquisamos os títulos das publicações de cada GT e fizemos a leitura das palavras-chave. Em alguns casos, quando os títulos se mostravam incertos e/ou confusos fazíamos também a leitura do resumo. Dessa pesquisa exploratória encontramos o seguinte resultado:

Tabela 1: Mapeamento das pesquisas publicadas entre os anos de 2012 e 2023 com o tema das infâncias e crianças quilombolas.

Banco de dados	Trabalhos encontrados
ANPEd	04

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).



Nota-se com esse resultado que as crianças quilombolas têm sido invisibilizadas no âmbito acadêmico, uma vez que na pesquisa empreendida por nós encontramos apenas 04 trabalhos referentes ao tema infância/crianças/quilombolas.

Um dos caminhos para explicar tamanha invisibilidade pode ser encontrado nas discussões teóricas defendidas pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos (2008) a partir do conceito debatido por ele denominado *sociologia das ausências e das emergências*. Segundo ele, é fundamental refletirmos sobre práticas e estratégias de invisibilidade social de saberes, culturas e produções dos povos marginalizados. Na contramão das ausências, a sociologia das emergências discute alternativas e epistemologias que visam a emancipação social (a partir do diálogo com as ausências). Neste sentido, quanto mais produções estiverem disponíveis hoje, mais experiências são possíveis no futuro, e com essa investigação temos o intuito de transformar ausências em presenças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ANPED é uma das principais vozes da educação brasileira e se traduz em uma entidade sem fins lucrativos que mantém vínculos com dois campos de interesse bem distintos, embora estreitamente relacionados entre si: a Pós-Graduação em Educação e a produção e disseminação do conhecimento nessa mesma área.

Para a pesquisa que ora apresentamos foi necessário realizar a leitura de todos os títulos dos trabalhos publicados nos dois GTs pesquisados e que foram publicadas a partir do ano de 2012. Tendo em mente que o nosso foco recaía sobre as infâncias e crianças quilombolas, nos atentamos para que esses descritores estivessem presentes nos títulos ou nos resumos. Ao realizarmos o levantamento nos anais das reuniões nacionais da ANPED, entre os anos de 2012 a 2023 (que se referem às reuniões 35^a a 40^a), encontramos apenas 4 trabalhos publicados acerca dessa temática, sendo 2 no GT 21 e outros 2 no GT 07. Vale pontuar também que desse quantitativo, 3 foram publicados após o ano de 2019 e esse dado revela o quanto esse tema se configura como atual e emergente.

O primeiro trabalho encontrado é intitulado de: “A-IAN-MADÊ? Processo educacional de crianças quilombolas na escola da cidade” da autora Mille Caroline Rodrigues Fernandes. Trata-se de uma pesquisa etnográfica resultante de uma pesquisa desenvolvida em uma escola localizada no Baixo-sul baiano, que tem como objetivo compreender as dificuldades encontradas pelas crianças e jovens de Boitaraca ao saírem do “quilombo” para estudar na



escola da cidade. A pesquisa dialoga sobre a importância de uma proposta pedagógica voltada para os saberes e fazeres dos povos quilombolas, e o quanto a sua ausência desses saberes no âmbito do currículo escolar implicam na exclusão e no silenciamento das diferenças sociais e culturais dessas crianças.

O segundo trabalho se intitula “A percepção de crianças de uma turma de creche acerca do pertencimento étnico-racial, numa comunidade de remanescentes de quilombolas” de autoria de Pedro Neto Oliveira de Aquino e Silvia Helena Vieira Cruz. Essa pesquisa foi publicada no GT07 da 39ª reunião, no ano de 2019, teve como objetivo analisar como as crianças que frequentam a creche de uma comunidade de remanescentes de quilombos percebem as semelhanças físicas decorrentes do pertencimento étnico-racial e reagem a elas. Com a pesquisa ele conclui que a construção da identidade da criança quilombola precisa ser constituída desde cedo, bem como a relação desses sujeitos com a valorização da cultura desses povos.

O terceiro trabalho que encontramos tem como título “Educação das relações étnico-raciais e repertórios culturais da infância quilombola” das autoras Susane Martins da Silva e Dinalva de Jesus Santana Macêdo. Este trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado.

A pesquisa teve como locus investigativo uma escola pública municipal da comunidade negra rural quilombola de Sambaíba, localizada no município de Riacho de Santana/BA. O estudo se guiou pelo seguinte objetivo: analisar de que modo o currículo e as práticas pedagógicas da Educação Infantil dialogam com as culturas da infância em um contexto de uma comunidade quilombola. Essa pesquisa foi publicada no GT21 da 40ª reunião da ANPEd que aconteceu no ano de 2021. Os resultados evidenciam que a escola da comunidade quilombola de Sambaíba favorece o distanciando daquelas crianças das culturas das infâncias quilombolas, pois as distanciam da sua cultura local.

O quarto e último texto que encontramos tem como título: “A construção da identidade étnico-racial em crianças negras: relações entre professora e crianças em uma creche de uma comunidade de remanescentes quilombolas” das autoras Silvia Helena Vieira Cruz e Pedro Neto Oliveira de Aquino. A pesquisa teve como locus de investigação o Centro de Educação Infantil Municipal Luíza Mahin localizado no interior de uma comunidade de remanescentes de quilombolas, na região metropolitana de Fortaleza (Ceará).

O objetivo do trabalho foi discutir sobre identidade e pertencimento na Educação Infantil, bem como compreender os fatores implicados no processo de construção da identidade étnico-racial em crianças negras. Desse modo, evidenciou que ainda se pratica uma relação de



preconceito pelo fato da cor da pele e da cultura a qual a criança pertence. O ser negro e quilombola ainda representa para a nossa sociedade uma condição orgânica de inferioridade, ou seja, é como se o negro apresentasse uma condição natural para a submissão.

CONCLUSÃO

A leitura cuidadosa dos textos nos evidenciou que o referencial teórico utilizado nas pesquisas encontradas está fundamentado na Sociologia da Infância e na Antropologia da Criança. Alguns autores/as dizem que estão dialogando também com a educação, mas observamos que foram diálogos pontuais. Os autores mais citados dentro da sociologia foram Manuel Jacinto Sarmiento, Anete Abramowicz e William Corsaro, já na área da antropologia encontramos com frequência os estudos da autora Clarice Cohn. Além desses, aparece com frequência nos textos referências à professora Dinalva de Jesus Santana Macêdo, pioneira nos estudos das crianças quilombolas e da educação escolar quilombola.

De modo geral, a leitura e análise das pesquisas encontradas nos apresentam contribuições importantes para o campo da infância e da Educação Infantil, pois em todas elas percebemos o chamamento dos/as pesquisadores/as para a necessidade de promovermos a visibilidade da vida das crianças quilombolas e de suas infâncias, seja nas produções científicas ou nas escolas, pois quanto mais conhecimentos e saberes produzidos acerca dessa temática mais práticas educativas serão desenvolvidas.

No entanto, em sua grande maioria, os/as autores/as nos fazem um alerta sobre o desconhecimento da escola acerca das especificidades das crianças quilombolas. Tendo em vista que os currículos escolares investigados não dialogam com os saberes e fazeres desses povos, demonstrando ser um currículo eurocêntrico, que promove o branqueamento e contribui cada vez mais para a invisibilidade da criança negra.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Pedro Neto Oliveira de Aquino; CRUZ, Silvia Helena Vieira. A percepção de crianças de uma turma de creche acerca do pertencimento étnico-racial numa comunidade de remanescentes de quilombolas. *In*: 39ª Reunião Nacional da ANPEd. **Anais [...]** Out 2019. Disponível em: < http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_10_4 >. Acesso em: 04 jul. 2023.



ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BRASIL. Resolução N° 8, de 20 de novembro de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Decreto Legislativo n° 143/2003, e no Decreto n° 6.040/2007. Ministério da Educação, 2012. p 4.

CASTRO, Susane Martins da Silva; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. Educação das relações étnico-raciais e repertórios culturais da infância quilombola. *In*: 40ª Reunião Nacional da ANPED. **Anais [...]** set-out, 2021. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_34_15>. Acesso em: 04 jul. 2023.

FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. A-ian-madê? Processo educacional de crianças quilombolas na escola da cidade. *In*: 35ª Reunião Anual da ANPED. **Anais [...]** out. 2012. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-2540_int.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

PETEK, Ariane. Infância negra e indígena no brasil escravista. *In*: XXV Encontro Estadual de História da ANPUH – SP. **Anais [...]**, Set. 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1596666636_ARQUIVO_9d860f5c4922cf2bea8fd24b0dbe2488.pdf . Acesso em: 05 jul. 2023.

QVORTRUP, Jens. Visibilidades das crianças e da infância. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 20, n. 41, p. 23–42, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4250>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Crianças quilombolas e trabalho, reflexões a partir das vivências no quilombo Mato do Tição – MG. **Revista da ABPN**, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 301–318, 2020. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1014>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. *In*: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs.). **Infância (in)visível**. Portugal: Junqueira & Marin Editores, 2007. p. 25-49.



SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. Vol. 4. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SCARANO, Julita. Crianças esquecidas das Minas Gerais. *In*: DEL PRIORE, Mary (org). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010. p.99 a 125.



SILVA, Beatriz Caitana da. **A construção da (in) visibilidade da infância quilombola: o papel do Estado e do movimento social.** 158 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.